

## **Cimeira europeia ou European Summit? Perspectivas nacionais face à União Europeia na cobertura da SIC Notícias e da Sky News**

---

*Miguel Gaspar*

Jornalista. Universidade de Coimbra

### *Resumo:*

As notícias produzidas pela SIC Notícias e pela Sky News sobre a cimeira europeia de Copenhaga, em Dezembro de 2002, mostram como um acontecimento histórico para a União Europeia, o alargamento, foi abordado de forma diferente em canais de informação em contínuo de dois países membros, quanto ao peso dos guiões nacionais na perspectiva da identidade nacional face à União, às práticas jornalísticas de cada país e ao peso relativo da agenda nacional face à agenda europeia. Neste estudo, abordámos ainda a importância da repetição nos canais temáticos de informação, onde as notícias adquirem uma “geometria variável” ao longo de emissões em contínuo que tendem a assumir a forma de um “telejornal infinito”.

### *Palavras chave:*

Notícia; Jornalismo comparado; Ideologia dos media; Guiões; Identidade; União Europeia; Televisão.

### **Introdução**

Este trabalho consiste na análise comparada da cobertura da Cimeira da União Europeia de Copenhaga, a 12 e 13 de Dezembro de 2002, por dois canais televisivos de informação em contínuo: a SIC Notícias e a Sky News. O nosso objectivo é averiguar se as notícias produzidas por dois canais do mesmo tipo (canais temáticos de informação) de países diferentes dos então Quinze, mostram ou não a existência de pontos de vista nacionais distintos face à União Europeia, em particular quanto à relação entre a identidade nacional e a identidade europeia.

O principal tópico da agenda oficial da Cimeira Europeia de Copenhaga foi o encerramento das negociações para a adesão de dez novos países à União, consagrando a passagem da Europa dos Quinze para a Europa dos 25. Foi o maior alargamento de sempre desde a fundação da Europa comunitária e significou a integração de oito países do antigo bloco soviético, 14 anos após a queda do Muro de Berlim.

A legitimação ideológica desse tópico consistia na identificação do alargamento com a ideia de uma reunificação e reencontro dos europeus, fechando o ciclo histórico da Guerra Fria, como afirmaram o primeiro-ministro inglês, Tony Blair e os pivôs, enviados especiais e peritos ouvidos nos canais em análise. Como subtema, surgia o caso dos três países que não entraram nesta ronda, em particular a Turquia.

Esta moldura ideológica deveria ser partilhável por igual em todos os Estados membros, uma vez que o sujeito da narrativa é a Europa e o tema do discurso a definição da identidade europeia. A análise comparada às notícias da SIC Notícias e da Sky News permite-nos ver se o tema foi apresentado da mesma forma em dois países da União e até que ponto a identidade nacional se sobrepôs ou não à identidade europeia.

Ao sublinhar a importância dos estudos comparados, Michael Schudson afirma que os principais modelos teóricos sobre as notícias, da teoria do *gatekeeping* ao modelo do “consenso manufacturado”, de Herman e Chomsky “têm a tendência para ignorar as possibilidades da mudança na natureza do trabalho de produção das notícias” (Schudson, 1989: 279) e “são indiferentes tanto aos estudos comparativos como aos estudos históricos” (idem: 280). Esses modelos compreendem o jornalismo e as notícias sem incorporar as mudanças resultantes da evolução diacrónica do jornalismo ou da diversidade cultural das práticas jornalísticas. Para Schudson, os teóricos norte-americanos assumem o jornalismo feito nos Estados Unidos como um paradigma universal.

Schudson recorre a Gans para identificar a “para-ideologia” que informa o jornalismo norte-americano, as “asserções em *background*, geralmente despercebidas e questionadas, através das quais as notícias são obtidas e enquadradas” (idem: 278-279). Segundo Gans, esse «inconsciente» do jornalismo norte-americano “inclui o etnocentrismo, a defesa do interesse nacional, a democracia altruísta, o capitalismo responsável, a dimensão paroquial, o individualismo e a moderação como o núcleo dos valores inquestionáveis das notícias na América” (idem: *ibidem*).

Gans especifica que estes valores não são explicitamente referidos nas notícias: “Há uma diferença entre os valores das notícias e os valores nelas implicados”, afirma Gans (1980: 40). Estes valores implícitos pertencem à

categoria que define como “valores duradouros” (*enduring values*) por oposição ao que traduziríamos por “valores imediatos” (*topical values*), os valores efectivamente expressos por actores nas notícias.

O objecto da nossa pesquisa são os valores duradouros, ou nucleares, que Gans define como “valores que podem ser encontrados em muitos tipos de histórias num longo período de tempo; eles afectam frequentemente (a decisão) sobre que acontecimentos serão notícia, pois são uma parte e uma parcela da definição de notícias. Estes valores não são perenes e podem mudar com os anos; além disso, ajudam a formar opiniões e estas são, muitas vezes, apenas especificações de valores duradouros” (idem: 41).

No caso que trabalhamos, a temática dos valores duradouros e dos valores imediatos aplica-se não só a contextos nacionais concretos mas também à relação entre esses contextos e a identidade europeia, enquanto forma de soberania transnacional.

A comparação entre notícias de meios de comunicação de países diferentes permite-nos analisar formas de construção social de uma realidade comum a esses países (a União Europeia numa fase de mutação), através dos paradigmas noticiosos existentes nesses países. Esses paradigmas podem ainda ser reveladores quanto à adaptação ou não desses países a uma mudança política na União, se aceitarmos a definição segundo a qual a estrutura social tem de mudar para que mude a definição social do que é noticiável.

### O “problema de comunicação” europeu

A compreensão da noticiabilidade dos tópicos da Cimeira de Copenhaga obriga-nos a inseri-los no contexto da escassa visibilidade em geral atribuída às questões comunitárias pelos media europeus. Em regra, as notícias sobre a Europa são secundarizadas pela agenda noticiosa interna. A agenda mediática de eventos relativos à própria União é normalmente construída em função dos acontecimentos mais relevantes para cada país membro.

Essa situação é comum nos telejornais portugueses. A editora de Internacional da SIC Notícias e da SIC, Rebeca Abecasis, sublinhou este ponto nas declarações que prestou para este trabalho, em conversa telefónica ocorrida antes da cimeira. “As pessoas não vão ver a cimeira porque é muito específica”<sup>1</sup>, fazendo ainda notar que o tratamento a dar ao acontecimento iria ser diferente no canal temático e no canal generalista da estação.

Uma percepção mais geral do problema pode ser encontrada no discurso dos protagonistas políticos da União. Falando em Maio de 2002, num seminário em Lisboa sobre os media e a construção europeia, o comissário europeu, António Vitorino, afirmava que as questões europeias “ou continuam a ser vistas como

questões de política externa ou as instituições são vistas como intervindo demasiado na política interna de cada país”<sup>2</sup>. As cimeiras são normalmente noticiadas do ponto de vista do impacto nacional e existe uma percepção fraca da identidade europeia. Os jornalistas presentes corroboram a visão do comissário: “É normal pedirem-me para fazer perguntas de política nacional a um ministro”<sup>3</sup> disse, no mesmo evento, o jornalista António Esteves Martins, delegado da RTP em Bruxelas.

### Canais de notícias como “máquinas do tempo”

A fraca noticiabilidade das questões europeias é o primeiro elemento que permite balizar o contexto onde as notícias relativas à cimeira fazem sentido. Um segundo aspecto é a compreensão das características de ambos os canais, em particular por darem notícias em tempo real. Representam uma evolução do meio televisivo e colocam problemas quando tentamos aplicar algumas metodologias de análise criadas para a televisão convencional. Retomando Schudson, este é um campo onde é necessário compreender uma evolução histórica do jornalismo televisivo.

Os canais de notícias em contínuo estão entre os media que melhor se adequam à ideia de Philip Schlesinger, segundo a qual “não é inteiramente descabido falar-se de uma organização jornalística como um tipo de máquina do tempo” (Schlesinger, 1999: 180). Para os jornalistas, o elemento nuclear dessa *máquina* é o imediatismo e “o tipo puro do imediatismo é a transmissão ao vivo”, a qual tem subjacente “a noção de que o público pode, através dos meios técnicos de comunicação, estar «presente» no acontecimento” (idem: 181).

Schlesinger identificou esta primazia do tempo real em “Os Jornalistas e a sua Máquina do Tempo”, onde escreve sobre a vida numa redacção da BBC, onde os jornalistas enfrentam três *deadlines* por dia, relativos a cada noticiário. Esta noção transforma-se quando a própria emissão é um fluxo ininterrupto de notícias. Aqui, o papel das notícias enquanto construção social alarga-se à construção de uma percepção social do próprio tempo.

Esse texto, concebido entre 1972 e 1975 e centrado nos jornalistas de rádio e da televisão, é, portanto, anterior ao aparecimento e generalização dos canais de notícias. Podemos no entanto dizer que os *newschannels* são construídos de acordo com uma lógica que reitera a validade dos conceitos identificados por Schlesinger numa redacção trabalhando para um suporte convencional. As mesmas noções – “máquina do tempo”, primado do imediatismo e do directo – não só são verificáveis nos canais de notícias, como este tipo de canais pode ser visto como um suporte destinado a concretizar essa “máquina do tempo” sem as limitações impostas por um canal generalista.

Esta característica dos canais de informação impõe dificuldades do ponto de vista da metodologia. A relevância que atribuem a uma dada matéria é sempre condicionada ao critério da proximidade temporal. É ainda difícil encontrar um universo estável onde a regularidade de um determinado conjunto de variáveis adquira sentido, nomeadamente no caso de um canal cuja programação consista exclusivamente de notícias e que designaríamos como um “noticiário infinito”.

Na verdade, nem todos os canais de notícias dão apenas notícias. A grelha da SIC Notícias é composta por noticiários alargados, noticiários breves e programas de informação. Na Sky News, os programas são residuais. Nos dois dias em análise, apenas uma entrevista de 30 minutos com a actriz Vanessa Redgrave interrompeu o “telejornal infinito”. Esta diferença na arquitectura dos dois canais foi determinante nas nossas escolhas ao nível metodológico.

### Definição da amostra

Decidimos analisar a emissão da Sky News no período entre as 13 e as 18 e 30 e a programação da SIC Notícias entre as 20 e 30 e as zero horas, dos dias 12 e 13 de Dezembro. A escolha de amostras em horários diferenciados resulta de limitações técnicas. Considerou-se que o número de horas de emissão registadas em canal – sete horas para cada um, num total de catorze – seria uma amostra suficiente para verificar variáveis relativas à posição no alinhamento, existência de destaques, duração dos blocos e peças, dispositivo televisivo e tópicos principais e secundários.

A opção por estes horários específicos resultou do horário da cimeira e da análise prévia às grelhas de cada um dos canais. O encontro dos líderes começava cerca das 18 horas de quinta-feira, 12, com a chegada dos protagonistas a Copenhaga e terminava 24 horas depois, com os chefes de Governo de Portugal e do Reino Unido a falarem para as televisões dos respectivos países depois das 20 horas de sexta-feira, 13.

As “fatias” horárias escolhidas para a Sky (13-18.30 horas) permitiam seguir, no primeiro dia, o lançamento noticioso da cimeira, através de um dispositivo que incluía vivos com os dois enviados a Copenhaga, um gráfico acompanhado por informações de *background* e uma peça jornalística de antecipação. No dia seguinte, o horário analisado na Sky coincidia com a recta final das negociações.

A opção de análise feita em relação à SIC Notícias incidiu, pelo contrário, no *prime time* da estação, cobrindo nesse horário (20.30-24 horas) três programas de características diferentes: o “Jornal do Mundo” (20.30-21 horas), onde a cimeira foi o tema principal; O “Jornal das Nove” (21-22 horas), cuja primeira meia hora era dedicada a uma síntese noticiosa: A “Edição da Noite” (22-24 horas), o espaço nobre da emissão diária, onde são analisados os assuntos do dia.

Optámos pela análise do discurso da primeira peça que cada canal produziu sobre o acontecimento, na perspectiva da proximidade temporal das notícias inseridas em antena em relação aos acontecimentos. Procurámos, desta forma, que a análise focasse a característica estrutural que distingue os canais temáticos de informação dos canais generalistas. Não tendo sido feito qualquer trabalho de observação participante, incluímos no trabalho as declarações, já citadas, da editora de internacional da SIC e da SIC Notícias.

### Dois canais diferentes

As diferenças na filosofia da programação entre a SIC Notícias e a Sky News resultam, em primeiro lugar, da diferença de meios entre as duas estações. O canal britânico tinha dois enviados especiais (o editor de política, Adam Boulton e o repórter Colin Brazier) e a SIC Notícias um (o correspondente em Bruxelas, Fernando de Sousa). A frequência de directos durante a cimeira foi muito maior na estação britânica do que na portuguesa. Na Sky, nunca existe o recurso ao “falso directo” (gravação de um “vivo” ou de uma entrevista originalmente feito em directo), a que a SIC Notícias recorreu frequentemente.

As carências de meios humanos e financeiros, referidas por Rebeca Abecasis impedem a SIC Notícias de funcionar como uma estação exclusivamente dedicada a notícias e fazem com que o recurso a comentadores seja muito mais frequente do que na Sky News. Da análise de conteúdo resultou que há situações (nomeadamente no *Jornal do Mundo* e na *Edição da Noite*) onde a secção mais longa de cada bloco informativo dedicado à cimeira era ocupada por entrevistas a peritos.

A diferença de meios entre as duas estações reflecte-se na natureza das respectivas grelhas e na capacidade de resposta à actualidade. Neste sentido, a Sky News pode ser considerada como paradigma do “imediatismo” de que fala Schlesinger. A SIC Notícias distingue-se por utilizar o conceito de canal exclusivamente dedicado à informação para abrir espaço ao enquadramento e ao debate.

Esta diferença de conceito resultará não apenas das limitações de meios, mas do tipo de público a que se destinam. A SIC Notícias dirige-se a um público português interessado nos espaços alargados de reflexão e debate que desapareceram dos canais generalistas. A Sky News diferencia-se por ser um canal destinado a um público global que cobre o espaço norte-americano através da complementaridade com uma estação dos EUA (a Fox News). No entanto, apesar de possuir uma audiência global, o canal reflecte claramente o país de origem. Por exemplo, a informação meteorológica é relativa apenas às Ilhas Britânicas, quando a tónica dos canais de informação é noticiarem a meteorologia em todo o mundo (o caso da CNN) ou num continente (o caso do Euronews).

Os critérios de noticiabilidade do canal inglês também reflectem o país de origem e privilegiam notícias relativas ao Reino Unido, com um enfoque especial em histórias de interesse humano. A Sky News funciona por ciclos de uma hora de duração. Nos dias em análise, esses ciclos foram compostos pelos seguintes elementos: destaques (*Top Stories*), emitidos em regra de 15 em 15 minutos; um espaço de notícias de cerca de 25 minutos seguido por cinco minutos de desporto; um segundo espaço de notícias com a mesma duração do primeiro. Na segunda meia hora costuma ser apresentado o tempo e são introduzidos espaços sobre economia, *fait divers*, entretenimento ou desporto.

### O ecrã intertextual

Mas o que distingue o canal britânico é a dinâmica da própria emissão, nos planos da utilização do espaço cénico, do ritmo da informação e do uso do ecrã para transmitir várias mensagens em simultâneo, através dos oráculos. A linha gráfica do canal assenta em cores nítidas e contrastantes, o azul e o vermelho. Se levarmos em linha de conta o que Schlesinger afirma sobre a notícia como mercadoria deteriorável, “cujo valor de utilização baixa rapidamente (Schlesinger, 1999: 179), então a Sky News é uma poderosa máquina desenhada para evitar ao máximo os custos dessa perda de valor.

O cenário do canal de notícias, de acordo com a matriz criada pela CNN nos anos 80, consiste, no essencial, em substituir a imagem clássica do planisfério por detrás do pivô por um outro sistema de representação do mundo. Em lugar de um mapa, o mundo é representado por um *videowall* onde passam imagens de televisões de todo o planeta e pelo espaço físico da redacção, onde os jornalistas se movimentam. Esta mudança no interface é uma afirmação da ideologia dos media, no sentido em que Georges Balandier a caracteriza ao afirmar: “Quando os impérios políticos se desfazem, o império comunicacional avança. Ele está em vias de se tornar a primeira realização imperial verdadeiramente universal” (Balandier, 1999: 123). Assim, a imagem tradicional do mundo (o planisfério, onde estão representados os países e a ordem política da Terra) é substituída, enquanto representação do mundo, pelas imagens captadas e transmitidas pela televisão e pelos jornalistas que “produzem” a actualidade na redacção. A inovação da Sky foi assumir plenamente o *plateau* do noticiário como um espaço teatral, criando um palco num plano superior ao da redacção, que abre para um *videowall* onde peças, gráficos e elementos textuais são apresentados com o apoio das explicações de um jornalista.

A dinâmica do canal é marcada por elementos como a repetição constante dos destaques e dos oráculos. O mais significativo é estes terem um sistema de



classificação extenso, que permite ao espectador identificar o grau de importância das notícias. Essa escala integrava as seguintes categorias: *Breaking news* (para notícias muito importantes que acabaram de surgir), *Coming Up* (para histórias que serão noticiadas a seguir), *News Alert* (para histórias “frescas” ou que vêm “a seguir”), *News Flash* (títulos das últimas notícias), *In Brief* (resumo de histórias secundárias), além do já referido *Top Stories* e dos títulos genéricos utilizados para introduzir mais elementos sobre um dado assunto e designados em função do tema (por exemplo: *EU Summit* ou *Cheriegate*). O topo da escala acontece quando o “alerta vermelho” (as *Breaking News*) se transfere para o *videowall* e ocupa quase todo o ecrã por detrás dos pivôs. Como a arquitectura tardo-moderna, que coloca à vista elementos estruturais dos edifícios, a estética do canal assenta na maximização dos elementos funcionais da mensagem.

Esta escala, organizada como uma linha de montagem, bem como a repetição cadenciada de notícias e destaques com intervalos mais ou menos comuns significam que o canal procura potenciar ao máximo a capacidade de atrair a atenção do espectador. Um fundo de ecrã que de repente passa do azul a um vermelho intenso é percebido por qualquer espectador que tenha o televisor ligado mas não esteja a seguir a emissão, como pode acontecer num sítio público ou num local de trabalho. A repetição de notícias e destaques com um intervalo curto (em geral, 30 minutos para as notícias mais importantes) significa que o espectador potencial poderá contactar a emissão para ser informado com rapidez. Os canais de notícias em contínuo dirigem-se a espectadores que vêm estas estações de forma descontínua.

A SIC Notícias, pelo seu lado, promoveu o debate, a entrevista com peritos ou a reportagem de fundo<sup>4</sup> e foi capaz de atribuir maior significado à cimeira europeia do que a Sky. Deu maior realce ao evento e ouviu mais protagonistas e peritos. Os dispositivos formais sublinham tanto essa postura mais pausada como as limitações de meios. O uso dos rodapés, por exemplo, é muito limitado, quando constituiu uma peça basilar da construção da intertextualidade na Sky. Os tons do canal são esfumados e neutros. Os pivôs não são filmados apenas de frente, em posição de interagir com o espectador, mas também a três quartos. No cenário dos noticiários, o espaço destinado aos pivôs é flanqueado pelas áreas laterais que podem receber até quatro convidados, sublinhando que se trata de um espaço de informação e de debate.

### O olhar português

Os dois canais estudados produziram, no dia 12, vários materiais de lançamento, nomeadamente os primeiros directos a partir de Copenhaga e as primeiras peças jornalísticas. Como referimos, foram estas as peças que escolhemos para



realizar uma análise do discurso. A reportagem da Sky corresponde ao que no discurso jornalístico se designa por peça de antecipação. A história da SIC Notícias embora incluindo já as declarações do principal protagonista português (o primeiro-ministro, Durão Barroso), é também uma peça de enquadramento.

A peça portuguesa foca dois planos distintos: o nacional e o europeu. No plano nacional, a questão central é a agricultura, que surge no quadro geral do alargamento, ao ser associada às reivindicações dos novos países membros quanto à reestruturação do seu próprio sector agrícola. Neste sentido, o primeiro tema abordado refere-se à posição do país face à União, colocando-o em posição de país periférico que tem de reivindicar, sendo que o novo cenário do alargamento o coloca em posição concorrencial com outros países periféricos, também com fragilidades económicas, nomeadamente no plano agrícola.

A metodologia de interpretação do discurso das notícias, proposta por Teun Van Dijk (1993), implica a identificação da coerência local e da coerência global do texto. Ao nível da coerência local, devemos procurar “os nexos de condição, tempo, causa e consequência associados a cada proposição” (van Dijk, 1993: 139), enquanto a noção de coerência global se refere às “macro-estruturas” de sentido do conjunto das proposições do texto.

Proposições que emergem tanto do discurso do repórter como do primeiro-ministro são as de que “Portugal apoia o alargamento, mas deve fazer valer os seus interesses” e de que “vai ser mais difícil resolver o problema da agricultura numa Europa a 25 do que numa Europa a 15”. Existem *nuances* introduzidas pelo jornalista, que refere que o problema pode ser resolvido até 2004 e que os outros países membros “vêm Portugal como um país que já teve tempo mais do que suficiente para resolver os seus problemas”. A coerência global destas proposições é assim a ideia de que somos um país “fraco”, que tem de se defender, numa situação onde o nosso estatuto de “parceiro menos desenvolvido” vai ser objecto de concorrência.

É interessante questionar por que a posição do Governo português não é contrariada, quanto à sua eficácia e pertinência, por este e outros repórteres de televisão presentes. Durão Barroso também não é questionado sobre qualquer problema de política interna, como a polémica em torno das novas portagens na CREL. O procedimento dos jornalistas britânicos com Tony Blair é totalmente diferente. Pode-se avançar com a hipótese de que a atitude dos jornalistas portugueses está relacionada com a visão de “país fraco” na União. No entanto, no dia do encerramento a questão da agricultura era secundarizada nos três blocos analisados, onde o destaque principal foi para os temas “europeus”: o alargamento, em abstracto, as reivindicações dos novos países membros e o caso da Turquia.

A peça não possui imagens de arquivo e por grande parte dos planos serem meramente indicativos – é o caso da primeira sequência, uma montagem de imagens colhidas no local da cimeira. A escolha dos planos é convencional, alternando planos gerais, para mostrar situações e planos médios, para o discurso dos protagonistas. A reportagem da SIC quebra algumas convenções – a reportagem não é uma ciência exacta. Assim, o cumprimento entre Durão Barroso e o anfitrião da cimeira é filmado em plano geral e o comissário europeu, Chris Patten, é inicialmente filmado de cima para baixo, quando está debruçado sobre o porta-bagagens do carro. No plano do som, existe apenas o uso convencional da voz-on para o vivo do enviado e o discurso dos protagonistas e da voz-off para o texto da reportagem.

Nem todos os elementos de uma peça noticiosa são significativos, uma vez que alguns podem resultar dos condicionalismos do trabalho de reportagem. No caso desta peça, podemos considerar significativa a sequência e a selecção dos temas e a escolha dos protagonistas que falam em “on”, com a preocupação de mostrar duas figuras europeias de primeiro plano.

Do ponto de vista temático, são destacados o problema português e a questão turca, esta última perspectivada a partir do ângulo mais actual, a declaração norte-americana a favor da integração da Turquia. Neste caso, a reportagem assume um ponto de vista “comunitário”. Por exemplo, a imagem do presidente da União Europeia é obtida num contexto institucional, surgindo a palavra “Presidência” em destaque.

### **Uma ideologia europeísta**

A análise à cobertura global da cimeira pela SIC Notícias permite determinar que a estação adoptou um ponto de vista europeísta face ao acontecimento e deu maior valor à dimensão “histórica” da cimeira do que aos tópicos que predominariam se o imediatismo ou a proximidade temporal tivessem sido os valores-notícia determinantes. As opções editoriais adoptadas na emissão do segundo dia mostram que o alargamento enquanto facto histórico foi o facto mais importante, nos campos da posição da notícia nos vários alinhamentos e do tempo dedicado ao tema.

Um factor essencial, em ambos os dias analisados, foi a diversidade dos especialistas ouvidos. O canal ouviu quatro peritos, todos portadores de ângulos de análise diferentes: uma especialista em assuntos europeus (Isabel Meireles, no *Jornal do Mundo*, de 12/12); um especialista em relações internacionais (Nuno Severiano Teixeira, na *Edição da Noite* de 12/12), um comentador com uma perspectiva (premonitoriamente) atlantista do alargamento (Miguel Monjardino, no *Jornal do Mundo*, de 13/12) e um jornalista com uma perspectiva do “terreno”,

atento às dificuldades concretas dos futuros países membros (Pedro Caldeira Rodrigues, na *Edição da Noite* de 13/12).

Além da diversidade dos peritos, a estação entrevistou ainda em estúdio, no dia do encerramento da cimeira, os embaixadores de dois países aderentes, nomeadamente o da Eslovénia. O pivô João Adelino Faria exprimiu o posicionamento por detrás desta escolha ao saudar com um “bem vindo” o embaixador esloveno, antes de começar a entrevista. A SIC Notícias exprimiu assim uma posição europeísta face ao alargamento, abdicando da exploração de eventuais antagonismos nacionais e do “guião” de que os novos membros são países pobres que vão prejudicar a nossa posição na União Europeia.

### O olhar britânico

As diferenças mais significativas entre os dois canais residem no posicionamento em relação ao protagonista principal, o primeiro-ministro e na forma como a identidade nacional é definida em relação à identidade europeia.

O canal britânico transmite um olhar com alguma soberba face à Europa. É a síndrome do “país grande”, que manteve sempre uma relação histórica ambígua com a Europa, exprimindo-se num período já de divergência política significativa entre o Reino Unido e outros países da União. Não está em causa qualquer reivindicação específica da Grã-Bretanha, ao contrário do que acontece com Portugal. O papel do país não é o de reivindicar mas o de “influenciar os acontecimentos” e a medida do sucesso da cimeira, numa perspectiva da agenda nacional, decorre do êxito ou fracasso do país em influenciar a agenda política global da União.

Pequenos detalhes na emissão mostram essa atitude distanciada: os pivôs assumem a dificuldade em designar todos os países que entrarão na União, sem se preocuparem em que isso possa ser visto como incompetência jornalística; a peça de enquadramento de Colin Brazier descreve a União como “uma pista de patinagem”, significando um local perigoso. Risco e confusão são as ideias lançadas pelo canal, eventualmente para ir ao encontro de uma percepção da realidade pelos cidadãos, que tendem a ver a União como algo incompreensível e confuso.

Ao contrário do que acontece em Portugal, a agenda do Governo do país é questionada. A nota mais significativa da cobertura da cimeira pela Sky News é a forma como este acontecimento “histórico” colide com um tema interno, o “Cheriegate”, um caso da vida pessoal da mulher do primeiro-ministro, Cherie Blair, que os media transformam em questão política por considerarem que os serviços de Imprensa de Downing Street mentiram aos jornalistas, quebrando o laço de confiança que o Governo estabelece com os eleitores através da informação.

O “Cheriegate” tem honras de assunto principal durante horas, o que nunca acontece com a cimeira. A história dominante é portanto uma projecção da ideologia dos media (o Governo falhou no estabelecimento do elo de confiança), valorizada pelo envolvimento de uma pessoa famosa (Cherie Blair). As macro-proposições para esta notícia seriam “o Governo mentiu aos media” e o contexto “se o Governo mentiu aos media, então o Governo mentiu ao público”. Há ainda antagonismo entre o ponto de vista crítico da estação face à entrada da Turquia e o apoio de Downing Street à adesão de Ancara.

Quando Blair chega a Copenhaga, os jornalistas da Sky afirmam que o primeiro-ministro vem fragilizado pelos acontecimentos internos e que, conseqüentemente, possui menor margem de manobra diplomática. Um pivô sugere que ele está tão desgastado que não terá capacidade para se concentrar nos temas europeus. A notícia da chegada de Blair é exclusivamente dedicada ao tema “Cherie”, no que se refere às questões colocadas pelos jornalistas, ao contrário do que acontece com Durão Barroso, que nunca é confrontado com a questão interna do momento, a introdução das portagens na CREL. No último dia, quando Blair anuncia uma conferência de Imprensa, os jornalistas da estação estabelecem um diálogo sobre a segurança sentida por Blair para se expor às perguntas dos repórteres relativamente à sua mulher. Assim, a cobertura da cimeira pela Sky ficou marcada por um confronto de poder entre a legitimidade dos media e a legitimidade do poder político.

A peça de lançamento de dia 12 é reveladora dos critérios da Sky: alargamento (individualizando vagamente a Polónia), Chipre (valorizada num contexto britânico por um factor de proximidade histórica) e a Turquia que, no dia seguinte, tornar-se-ia o centro das atenções. Essa peça colocava a tónica da questão turca no problema religioso e apresentava-a sob a forma de um conflito podendo desencadear reacções antagónicas de direita.

Como acontece nas peças da Sky News, a atenção do espectador é solicitada em simultâneo para a narrativa da reportagem e para o texto no oráculo. Neste caso, o texto enuncia vários tópicos da cimeira, redigidos sempre de forma extremamente sintética (uso dos dois pontos para identificar uma fonte, abolição de partículas de ligação) e que correm em paralelo à peça.

Encontramos um primeiro campo de intertextualidade na relação entre a imagem e o texto. Em teoria, essa relação deve ser de correspondência entre ambas, como afirma Jean-Jacques Jespers: “A televisão dirige-se ao mesmo tempo à vista e ao ouvido, dois sentidos particularmente finos. Mas esta dualidade pode ser incómoda. A mensagem sonora pode entrar em concorrência com a mensagem visual e vice-versa. O princípio básico para a realização da mensagem real televisiva é pois a redundância perfeita: descrever o que se mostra e mostrar o que se descreve” (Jespers, 1998: 88).

Precisamos de agrupar as sequências de planos em blocos e compará-los com a evolução da narrativa jornalística, uma vez que, se estendermos à montagem o princípio enunciado por Jespers, então blocos identificáveis de imagens do mesmo tipo devem corresponder a uma secção temática da notícia.

Neste caso, o primeiro bloco é composto pela sequência de imagens de jovens a patinar na neve, que acompanha o discurso sobre o alargamento e os principais temas sobre os países do Leste europeu (de que são exemplo as reivindicações polacas).

No segundo bloco, encontramos a sequência de planos e de texto sobre o Chipre.

No terceiro bloco, as imagens da Turquia acompanham a referência à polémica sobre a eventual adesão da imagem à União Europeia. Mas, além da Turquia, surgem a declaração de um político pouco conhecido do partido no poder na Dinamarca e o comentário final do correspondente, que enumera posições relativas à adesão dos turcos, confrontando a posição britânica, favorável à Turquia, com a posição assumida por Valéry Giscard d'Estaing, sublinhando os pressupostos religiosos em que o ex-presidente francês se apoiou.

Identificados os blocos, verifiquemos agora o que nos dizem as imagens. O primeiro bloco é dominado por planos gerais. O objectivo é que a imagem mantenha uma significação neutra e seja apenas denotativa. Os elementos centrais são o movimento dos patinadores, a neve e a cidade. Relacionando a imagem em movimento com o som, compreende-se que a imagem dos patinadores é metafórica. O texto acompanha essa sequência referindo que “se a Europa tivesse um desporto nacional seria a patinagem” – e há desde logo uma ironia em falar num “desporto *nacional* europeu”. O repórter prossegue falando nos riscos de colisão nas negociações, afirmando que o papel dos mais velhos será o de evitar uma excessiva conflitualidade negocial da parte dos novos membros, nesta metáfora os patinadores.

No bloco do Chipre, o elemento humano é quase inexistente e o mais significativo é uma imagem de uma instalação das Nações Unidas. Trata-se de um tema que possui uma dimensão de proximidade com os britânicos, que possuem duas bases militares na ilha.

As imagens do bloco da Turquia focam a mesquita de Istambul e o estreito do Bósforo, a que se segue um plano de transição (uma cena de rua anódina) e depois os depoimentos de um político dinamarquês, contra a adesão da Turquia, e do correspondente britânico. O político dinamarquês, Skarup, é filmado num interior moderno, mas algo frio. No plano final, o mais longo, Brazier é filmado de frente, ao ar livre.

Neste nível de leitura, destaca-se desde logo um desequilíbrio. Embora o repórter exponha todas as posições, aparece um único definidor primário, anti-

-turco. Se voltarmos a nossa atenção para o som, constataremos que as declarações de Skarup são a única voz que surge em *on*, além da do correspondente. O elemento sonoro dominante da peça é a *voz off* de Brazier e existe apenas mais um som: na transição do bloco sobre Chipre para o bloco sobre a Turquia, a chamada à oração de um “muezzin” sobre as imagens da mesquita. Pela sua singularidade, funciona como um ornato, uma única nota fora de tom inserida numa peça rigorosamente tonal. A existência desse som, a singularidade da sua presença e a relação com o elemento visual tornam-no significativo.

O texto relativo à Turquia está concentrado em dois temas: a geografia e a religião. A religião é o tema dominante das intervenções de Skarup (é significativo que essa declaração não surja na voz de um membro do Governo dinamarquês e sim na de um protagonista identificado apenas enquanto militante do PP) e do correspondente britânico. Assim, esta peça da Sky pode ser lida num segundo plano como procurando sublinhar o elemento conflitual da eventual entrada na Turquia, ao destacar a religião como principal obstáculo à adesão do país e ao mostrar uma voz de direita contra a adesão.

Esta peça seria inserida mais vezes, mas com alterações, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos. Assim, numa segunda versão é excluída a intervenção do político do PP dinamarquês e inserida uma declaração do primeiro-ministro grego, Simitis. Isto mostra como a repetição de uma peça assume um valor diferente, se falamos na análise de um canal de notícias em contínuo. O exemplo que se segue reforça essa ideia.

Na primeira parte do bloco onde está inserida esta peça, existe outra de aproximadamente 57 segundos que, no essencial, consiste num mapa onde vão surgindo os países actualmente membros da União, os países que entrarão em 2004 e os três candidatos que ficaram à porta. Cada grupo de países é representado no mapa por uma cor própria.

Esta curta peça foi emitida por três vezes. Os pivôs leram exactamente o mesmo texto. No entanto, devido a uma daquelas situações singulares dos canais de informação em contínuo, não pode ser considerada uma repetição, porque em cada um dos casos é introduzida uma “remarque” coloquial diferente. Na primeira versão, a pivô lê os nomes dos dez novos membros e pergunta ao espectador: “ainda me estão a seguir?”. Na segunda, a mesma pivô interrompe o pivô e pergunta ao colega: “consegues identificar esses países no mapa?”. O segundo pivô responde “não”. Uma passagem que chamou a atenção para outra diferença entre as duas peças. Na primeira versão, a Roménia e a Bulgária surgem num tom amarelado e a Turquia surgia a verde, com um ponto de interrogação. Na segunda, a Turquia surgia na mesma cor que os dois estados balcânicos.



## Conclusão

Pela análise comparada da SIC Notícias e da Sky News constatámos diferenças na perspectivização da identidade nacional em relação à identidade europeia, traduzindo atitudes culturais e jornalísticas distintas. As notícias do canal português inscrevem-se no guião do “país fraco” ao qual corresponde uma “atitude reivindicativa”. O canal britânico representa a Europa do ponto de vista de um “país forte”, ao qual correspondem as narrativas “influenciar os acontecimentos” e “desafiar os outros países fortes”, como a Alemanha e a França.

Estes guiões têm raízes históricas e podem funcionar como contexto da mensagem não apenas como produto da acção do jornalista na construção social do acontecimento, mas também por se tratarem de “macro proposições” cujo sentido é compreendido na recepção.

Nesse contexto, vimos como as notícias da Sky News e da SIC Notícias exprimem as diferentes posições dos respectivos países de origem face à União e como essas posições exprimem noções identitárias que não nasceram necessariamente com a integração europeia. A Sky mostra-nos uma Grã-Bretanha agindo como “grande potência” no espaço europeu, reconhecendo apenas a França e a Alemanha como países ao seu nível (as imagens da cimeira utilizadas nos destaques dos noticiários focavam apenas os líderes destes três países, além do líder turco Erdogan, que para este efeito tem uma importância equivalente à do sultão de Marrocos numa disputa colonial do século XIX). Em Portugal, perdura o mito do “país fraco” e periférico que produz um discurso reivindicativo.

Mas não é apenas o etnocentrismo que desempenha um papel idêntico, em contextos distintos, nestas notícias. A relação entre identidade nacional e identidade europeia é, em ambos os casos, expressa sob a forma de um conflito. É relevante que esse confronto seja um ponto comum a dois contextos nacionais distintos. Ou seja, tanto no “país forte”, que quer influenciar, como no “país fraco”, que reivindica a relação com a soberania transnacional, é expressa nas notícias como um confronto aferido por uma vitória ou uma derrota. Ainda que, como vimos, no caso da SIC Notícias essa dimensão coexista com a afirmação de uma defesa da identidade europeia como um valor mais importante do que o interesse nacional.

É ainda relevante que do ponto de vista do “país forte” exista uma discrepância acentuada entre o ponto de vista da Sky e a posição do Governo britânico. A estação sublinha sempre os elementos polémicos da adesão turca e enquadra-a como uma resposta às necessidades dos norte-americanos por causa do Iraque. Por outro lado, apresenta um balanço crítico em relação às pretensões de vitória de Tony Blair. No caso português, prevalece a ideia da defesa do interesse



nacional e o balanço de Durão Barroso, ainda que pouco valorizado, nunca é efectivamente questionado.

A Turquia era o principal ponto da agenda mediática e foi abordado de forma diferente nos dois canais, desde logo porque envolvia directamente os britânicos, enquanto “país de influência”. Pelo contrário, não existia um elemento nacional na relação de Portugal com os turcos: para os portugueses, era aos países de Leste que se aplicava o critério da proximidade, enquanto valor-notícia. A Sky privilegia a dimensão religiosa, a mais polémica. Na SIC Notícias, o enquadramento da questão turca é dado pelos peritos, que representam correntes diferentes. Mas é sobretudo significativo que o canal tenha ouvido embaixadores de países do antigo Leste e não um protagonista turco. O valor da proximidade fez com que a questão dos novos países membros fosse mais importante para o canal português do que a Turquia.

Existe algum elemento indiciador de uma postura xenófoba ou racista que devamos desenterrar do discurso dos dois canais sobre a Turquia, seguindo as propostas de análise crítica do discurso de Van Dijk? Há detalhes revelando que a Turquia é tratada com alguma distância nas duas estações. Na peça sobre o encerramento da SIC Notícias, o plano de abertura foca o primeiro-ministro turco numa conferência de Imprensa. Apesar desse enquadramento e de ser a personalidade mais filmada na peça, ele não é ouvido em *on*. O mesmo acontece numa peça da Sky centrada nas negociações com a Turquia, onde vemos como a questão religiosa é valorizada pelo canal, face a outros problemas relativos à Turquia (direitos humanos, reformas políticas, crescimento demográfico).

No entanto, esse é um elemento secundário face às principais afirmações ideológicas ou culturais de cada canal. Os principais elementos são os “guiões” históricos que enquadram o posicionamento dos dois países face à Europa e a postura assertiva dos dois canais, no plano das opções editoriais. No caso da Sky, isso reflecte-se na importância dada ao “Cheriegate”. Na SIC Notícias, a tomada de posição “pró-alargamento” é significativa, nomeadamente por entrar em colisão com o “guião” do país fraco que tem de “defender-se” do exterior e recusar a “complexidade” dos assuntos europeus como álibi para destacar outras matérias.

A SIC Notícias assumiu ainda o jornalismo como meio estruturante da cidadania, ao propor enquadramentos diversos, investindo num tratamento em profundidade e na explicação da complexidade dos temas europeus. A Sky, pelo contrário, adere ao modelo da informação-espectáculo e assume o imediatismo, a proximidade e o interesse humano como valores-notícia centrais.

No plano formal, a análise à cobertura da cimeira mostrou a importância do factor da proximidade temporal em canais que privilegiam o directo. Mas onde há uma maior diferença em relação à televisão convencional é no valor da

repetição. Esta questão é central no universo televisivo, dados os limites à memorização das mensagens pelos espectadores: “Uma hora após o visionamento da emissão de informação, 21 por cento dos espectadores não se recordam espontaneamente de nenhum assunto tratado e 20 por cento não conseguem citar mais de quatro”, exemplifica Jean-Jacques Jespers (1998: 87). Deste modo, tanto no domínio da análise de conteúdo como da análise de discurso, a repetição assume um valor central. Fazendo uma analogia com os estudos sobre a Imprensa escrita, diríamos que a incidência quantitativa da repetição de uma dada notícia tem a mesma importância que uma manchete num jornal.

Verificámos existirem casos de notícias repetidas várias vezes, mas com alterações de pormenor. Isso coloca dois problemas no plano da análise. A mesma notícia pode adquirir significados diferentes ao ser alterada e pode dar-se o caso de esses sentidos distintos serem inclusive contraditórios. É o que ocorre quando o mapa da Turquia aparece primeiro a verde e, numa segunda versão, com a mesma cor da Roménia e da Bulgária. Um segundo ponto, tão ou mais importante, é o da análise de uma dada peça só estar completa quando conseguirmos interpretar quais as razões pelas quais foi alterada.

Essa mudança pode ter a ver com a actualização e com a relação directa com o tempo real, como acontece na peça da Sky News onde é acrescentada a curta declaração do primeiro-ministro grego. No caso do mapa da Turquia, tudo é diferente, parece ter existido a vontade de corrigir uma apresentação do país que poderia ser criticada como xenófoba. Este factor não é totalmente novo, uma vez que podemos encontrar exemplos idênticos na imprensa escrita, se pensarmos num jornal diário com mais de uma edição ou numa estação de rádio, onde é sempre mais fácil, do ponto de vista técnico, acompanhar o ritmo da actualidade. Ainda no caso da Sky News, o facto de existirem oito emissões em simultâneo à disposição dos espectadores com acesso à televisão interactiva, acrescenta um outro factor de complexidade a este fenómeno que designaríamos de “notícias em geometria variável”.

No plano da análise de conteúdos, lidamos com este problema considerando cada nova “versão” (ou mesmo cada repetição pura e simples) como uma nova unidade de análise. No plano da análise de discurso, foi possível analisar as variações dentro dessa unidade. O que sobressai, no entanto, é que a repetição das unidades noticiosas e esta evolução diacrónica de cada notícia em “geometria variável” são factores centrais da análise de canais de informação em contínuo. São o elemento formal do qual depende a nossa capacidade de interpretar a arquitectura onde a complexidade informativa é organizada em tempo real. Os canais de informação em contínuo estão para o universo dos media como as areias e os ventos do deserto para a geografia: neles, as notícias

são volúveis como as dunas, podem mudar de sítio e de altura a qualquer momento, são terra aparentemente firme onde nada é estático.

### **Bibliografia**

- Balandier, Georges, *O Poder em Cena*, ed. MinervaCoimbra, Coimbra, 1999.
- Gans, Herbert J, *Deciding What's News*, ed. Vintage, New York, 1979.
- Jespers, Jean-Jacques, *Jornalismo Televisivo*, ed. MinervaCoimbra, Coimbra, 1998.
- Schlesinger, Philip, "Os Jornalistas e a sua Máquina do Tempo", in *Jornalismo: Questões, Teorias e «Estórias»* (org. Nelson Traquina), ed. Vega, Lisboa, 1999.
- Schudson, Michael, "The Sociology of News Production", in *Media, Culture and Society*, vol. 11, ed. Sage, 1989.
- Van Dijk, Teun A., "El Estudio Interdisciplinario de las Noticias y el Discurso", in *Metodologías Cualitativas de Investigación en Comunicación de Masas*, Barcelona, Bosch, 1993.

### **Notas**

<sup>1</sup> Declarações para este trabalho da editora de Internacional da SIC e da SIC Notícias, Rebeca Abecasis, através de depoimento telefónico, a 11/12 de 2002.

<sup>2</sup> Intervenção de António Vitorino na Conferência Europeia de Jornalistas sobre os Média e a Construção Europeia, Lisboa, 11 de Maio de 2002. Um resumo da intervenção pode ser encontrado no sítio do Sindicato dos Jornalistas ([www.jornalistas.online.pt](http://www.jornalistas.online.pt))

<sup>3</sup> Intervenção de António Esteves Martins, Conferência Europeia de Jornalistas sobre os Média e a Construção Europeia, Lisboa, 11 de Maio de 2002.

<sup>4</sup> A SIC Notícias planeou uma série de reportagens sobre cada um dos países do alargamento, a primeira das quais era dedicada à Turquia e foi emitida imediatamente antes da cimeira de Copenhaga.